

REABILITAÇÃO URBANA - MINDELO

PATRIMÓNIO DE CABO VERDE

UNESCO - Relatório da missão realizada de 27/11 a 27/12/1980

Paulo Ormindo de Azevedo

ESTRATÉGIAS PARA A SUA REABILITAÇÃO

1º SIRUM - Seminário Internacional de Reabilitação Urbana do Mindelo

Carlo Aymerich + José Pessoa + Carlo Atzeni

Walter Rossa + Paulo Ormindo de Azevedo



MARÇO 2007

em Cabo Verde

eCDJ.10

CABO VERDE - A PRESERVAÇÃO DA SUA MEMÓRIA

UNESCO
Relatório da missão realizada de 27/11 a 27/12/80
Paris - Junho de 1981

CABO VERDE: UMA NAÇÃO EM REDE

Retorno a Cabo Verde 26 anos depois da minha visita, em 1980, para realizar o primeiro informe da UNESCO sobre a preservação de seu patrimônio cultural. Desde o primeiro momento me encantei com as possibilidades deste novo país, nascido há apenas cinco anos, onde me sentia inteiramente em casa, em meio a uma população com uma paleta de cores, sincretismos e tolerância muito semelhante a da Bahia. Tive de imediato a sensação que estava geográfica, étnica e culturalmente a meio caminho da África, da América e da Europa. Só mais tarde vim a descobrir que Cabo Verde era a concretização da jangada de pedra que Saramago imaginou, como realismo fantástico, embalada pelas ondas e brisas do Mar Oceano. Esta condição de insularidade atlântica e enlace cultural dão a Cabo Verde uma singularidade especial no concerto das nações.

Desde então muita coisa mudou no arquipélago. O país cresceu econômica, política e culturalmente. Sua música morna e dolente corre hoje o mundo nas vozes de Cesária, de Ildo Lobo e muitos outros. Carrões reluzentes, ainda com placas de Roterdam, Boston e Lisboa, singram as estradas de Santiago, onde antes só circulavam velhas e raras "carrinhas". Hordas de turistas europeus invadem as praias ensolaradas do Sal, da Boa Vista, de Santiago e de outras ilhas. Seus governantes já não precisam acordar no meio da noite ouvindo o rumor de água no delírio e esperança de uma terceira chuva, que nunca chegava, capaz de salvar as espigas de milho que poderiam mitigar a fome de muitas bocas, como presenciei.

Mas não há ganho sem perdas. As diferenças de classe, que antes eram imperceptíveis, são hoje evidentes. A cidade da Praia explodiu ocupando de forma desordenada os vales vizinhos. Suas construções de mau gosto já começam a ultrapassar o Plateau. Mindelo corre o risco de se aprisionar numa barreira de concreto do pior que existe em Copacabana. Os condomínios fechados para turistas estrangeiros, vermelhos e arredios como camarões, se alastram por toda parte segregando as praias para seus próprios filhos. Por sorte, os elevadores ainda são muito caros e a verticalização se restringe a hotéis e apart-hotéis ultrapassados, quando os turistas e homens de negócios buscam "resorts" com muito verde e azul.

É preciso pensar em um outro modelo de desenvolvimento, que não o da China, poluente e explorador de mão de obra barata. Cabo Verde por sua condição geográfica e climática não tem vocação agrícola ou industrial. Tem, ao contrário, uma enorme aptidão terciária, facilitada pela existência de quadros bastante qualificados, formados em universidades holandesas, norte americanas e portuguesas. Nada impede que os "call centers" de um grande banco sul-africano, companhia aérea europeia ou rede de hotéis internacionais estejam em Santiago ou Mindelo. Ou que se produzam softwares e jogos eletrônicos de ponta, em outras ilhas. Ou ainda, que protótipos de objetos de design do mais alto nível artístico sejam desenvolvidos aqui para produção na Índia ou nas Filipinas.

Cidade Velha, Sé.
Fachada Lateral.
(Paulo Ormind, 1980)



O turismo é uma atividade importante para o arquipélago, mas precisa ser disciplinado e domesticado. Não se deve permitir que empresas imobiliárias, nacionais ou internacionais, privatizem praias, bloqueiem paisagens ou implantem complexos turísticos sem os necessários estudos de impacto ambiental e social. Devemos compreender que o turismo é uma atividade sazonal e manipulada desde os centros emissores de passagens. É preciso, por outro lado, que o país não fique na dependência de uma única atividade econômica, de uma nova monocultura.

A Irlanda, uma ilha também sem grandes recursos, resolveu investir pesado no planejamento, ciência e tecnologia, a partir do início da década de 1990, e deu um dos mais impressionantes saltos econômicos e sociais do mundo contemporâneo. Este é o futuro que antevejo para Cabo Verde. Mas para isso é preciso criar uma universidade pública, gratuita e multi-campi, com unidades nas diferentes ilhas. Buscar convênios com suas congêneres européias, norte americanas, africanas e brasileiras. Investir na pesquisa e incentivar o empreendedorismo local. O 1º SIRUM pode ser o embrião dessa nova universidade, que deve começar formando pessoal em algumas das áreas mais carentes de técnicos, o planejamento urbano, a arquitetura e o design. Sem planejamento é impossível preservar o patrimônio construído de qualquer nação.

Cabo Verde pode ser uma das primeiras nações em rede e a partir dessa malha criar uma economia terciária superior, ou seja, serviços com grande dose de inovação e criação. Na verdade Cabo Verde sempre foi uma rede, mas não soube tirar partido econômico disso. Rede, pela sua própria condição de arquipélago com um território descontínuo, mas articulado por relações sociais e econômicas. Rede, pelas colônias que possui em toda a Europa, África e América, que se mantêm fieis à identidade caboverdiana. Rede, inclusive, pela sua constituição multi étnica, cultural e lingüística. Uma economia em rede deve trabalhar mais com fluxos de informação, de conhecimento, de comércio e de pessoas, que com a produção de bens e "commodities".

O conceito não se restringe à economia, se estende também à cultura. Para viabilizar uma sociedade em rede, Cabo Verde já conta com um sistema vascular e capilar muito desenvolvido em suas ilhas e colônias no exterior. Todas as antigas nações industriais estão se transformando em economias terciárias. Cabo Verde pode entrar diretamente neste circuito da nova economia mundial, sem passar, necessariamente, pelos ciclos agrícola e industrial. Para isto devemos confiar e desenvolver a capacidade de inovação e criação presente na música, nas artes, na literatura e, porque não, na ciência, na tecnologia e no empreendedorismo. Quero ser testemunho desse processo. 